LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA: A HIPÓTESE SAPIR-WHORF

Rebecca Demicheli Sampaio

Submetido em 30 de maio de 2018.

Aceito para publicação em 29 de setembro de 2018.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 56, mês de novembro. p. 229-240

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:
(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index

Quinta-feira, 22 de novembro de 2018.

LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA: A HIPÓTESE SAPIR-WHORF

LANGUAGE, COGNITION AND CULTURE: THE SAPIR-WHORF HYPOTHESIS

Rebecca Demicheli Sampaio[*]

RESUMO: *Este trabalho objetiva discutir tópicos acerca da noção de relativismo linguístico a partir da hipótese Sapir-Whorf e defender a chamada versão fraca da hipótese. A perspectiva proposta por Edward Sapir e Benjamin Whorf, no início do século XX, faz parte de uma então nova tendência de pensamento que procura se despir do cunho etnocêntrico em que se pautavam os estudos das línguas até o momento. Ainda há, entretanto, uma série de pontos problemáticos que circundam a dita hipótese. Trazemos à tona, aqui, principalmente as concepções adotadas por Gipper (1979), Rocha e Rocha (2017) e Wolf e Holmes (2017) sobre a relação existente entre linguagem, cognição e cultura, evidenciando que a teoria da relatividade linguística, apesar de amplamente aceita no meio científico, ainda está longe de ser esgotada.*

PALAVRAS-CHAVE: *Linguagem e cognição; Cognição e cultura; Hipótese Sapir-Whorf.*

ABSTRACT: *This paper aims to discuss topics concerning the awareness of linguistic relativity based on the Sapir-Whorf Hypothesis and stand up for its so called weak version. The perspective proposed by Edward Sapir and Benjamin Whorf, at the beginning of XX century, is inserted in a contemporary new trend of thought, which seeks to step aside from the ethnocentric aspect that had been leading linguistic studies so far. However, a considerable amount of issues surrounding the outlined hypothesis remain. We shall highlight here mainly conceptions embraced by Gipper (1979), Rocha and Rocha (2017) and Wolf and Holmes (2017) towards the ongoing relation between language, cognation and culture, in order to emphasize that, despite its huge acceptance in the scientific field, the relativity of linguistic is still far from completeness.*

KEYWORDS: *Language and cognation; cognation and Culture; Sapir-Whorf Hypotesis.*

1. Considerações iniciais

Lévi-Strauss, em "O sexo dos astros", texto publicado na obra *Antropologia estrutural dois*, de 1973, apresenta interessantes resultados de um trabalho etnográfico sobre a marcação de gênero atribuída aos astros em línguas ágrafas de diferentes povos americanos. De acordo com o antropólogo, essas sociedades recorriam às narrativas dos mitos e, muitas vezes, pautavam-se em relações de parentesco para definir se os termos "sol" e "lua" seriam masculinos ou femininos.

Descobriu-se, com essa pesquisa, além das divergências relacionadas ao gênero, que a oposição entre os dois elementos nem sempre se exprimia apenas em termos de *masculino/feminino*, mas muitas vezes levava em consideração outros fatores, como luminosidade, calor e até a ideia de racionalidade. Além disso, "[...] na ideologia de várias populações, o sexo do astro parece instável conforme se observe a língua (quando

[*] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, bolsista PROSUC/CAPES, rdsampaio@ucs.br.

distingue os gêneros) os ritos ou os mitos" (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 223); muitas culturas, também, não faziam distinção entre "sol" e "lua", e em alguns casos, ainda, o mesmo lexema poderia ser utilizado para se referir a coisas diferentes, como *bari*, em cashinawa, que podia designar "sol", "dia" ou "verão"[1].

Ao desconstruir o modelo ocidental predominante a respeito do sexo dos astros, numa atitude antietnocêntrica, o autor trata da impossibilidade de entendermos uma língua desvinculada de sua cultura, visto que a primeira faz parte da segunda e envolve aspectos que vão além do léxico. Há, portanto, a necessidade de conhecer a cultura em questão (incluindo os hábitos e costumes, as crenças, o modo de vida da população em geral) para, então, entender de que maneira determinada entidade se configura dentro desse sistema. Lévi-Strauss não nos oferece muitas noções dos sistemas observados, mas, de qualquer forma, contribui para um pensamento que se manifestava no cenário acadêmico já há algumas décadas: o da relatividade linguística, que busca superar a opinião de muitos psicólogos e linguistas de que a cognição humana é regida por leis universais, sendo a língua apenas um meio de expressá-la (GIPPER, 1979).

A discussão em torno da relação entre linguagem, cognição e cultura vem tomando grande visibilidade desde o século passado, intrigando linguistas, antropólogos e diversos outros estudiosos, que se empenham para tentar esclarecer de que maneira e em que medida essas instâncias se influenciam mutuamente. Essa questão ainda está longe de ser solucionada, entretanto parece ser consenso entre a comunidade científica a existência da chamada relatividade linguística, tanto que há, atualmente, uma série de estudos sobre o papel da cultura no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, pois sabemos que, para aprender um novo idioma, é preciso familiarizar-se com o modo de pensar de seus falantes nativos.

Tendo em vista essas questões, pretende-se, aqui, elucidar aspectos pertinentes ao problema da relatividade linguística. Para tanto, a noção de "relatividade" será brevemente explorada, e, em seguida, apresentar-se-ão tópicos a respeito da chamada hipótese Sapir-Whorf, que coloca a Linguística em posição central no estudo científico das sociedades humanas na medida em que considera a língua uma das principais formas de acesso à cultura de um povo. Além disso, faremos uma revisão sobre as principais críticas e pontos problemáticos da hipótese, apontados por diversos autores, e sobre uma das questões mais intrigantes quando tratamos desse assunto: a quantidade de palavras para se referir a "neve" existentes em esquimó.

2. A noção de relatividade linguística e a hipótese Sapir-Whorf

A ideia de relatividade costuma nos remeter à teoria elaborada por Albert Einstein no início do século XX. Einstein propõe a existência de uma inter-relação entre espaço, tempo e matéria, numa espécie de "*cosmic frame*" (GIPPER, 1979, p. 1) que torna a percepção do tempo e do espaço relativas de acordo com o ponto de vista do

[1] É importante destacar que o estudo de Lévi-Strauss possui alguns pontos problemáticos, como o fato de a pesquisa ter sido realizada apenas com palavras isoladas, sem considerar os contextos de comunicação, e a ausência de delimitação do método utilizado – ainda mais por se tratar de línguas ágrafas, fator que dificulta a identificação e registro dos termos (nesse caso, seria válido um trabalho cooperativo com um linguista). Também não se sabe até que ponto o autor conviveu com as culturas em questão para poder descrevê-las. No entanto, o texto apresenta informações relevantes à questão do vínculo existente entre língua e cultura, e por isso foi incluído às referências deste ensaio.

observador. Essa concepção, a partir de então, passa a ser bastante difundida no âmbito científico, estendendo-se a outras áreas e constituindo uma forma específica de relação com o conhecimento.

> Encontram-se na epistemologia, entre outros, dois grupos de filósofos que assumem posturas distintas quanto à relação entre o conhecimento humano e a "realidade" conhecida: há os que defendem a ideia de que há uma verdade única, objetiva, que é procurada pela ciência, e há os que acham que todo conhecimento é relativo a um momento histórico, a um contexto ou um conjunto de circunstâncias. Vamos chamar os primeiros de objetivistas e os segundos de relativistas. [...]. De certo modo, a polêmica entre os objetivistas e relativistas assemelha-se à velha discussão entre os naturalistas e convencionalistas. Já entre os velhos gregos – parece que não há como fugir dos velhos gregos –, discutia-se se a linguagem relacionava-se com a realidade de forma "natural" ou de forma "convencional". [...] (BORGES NETO, 2004 apud CUNHA, 2011, p. 10).

No âmbito da Linguística, a noção de relatividade gira em torno, principalmente, da hipótese Sapir-Whorf, segundo a qual a língua que se fala influencia, em alguma medida, o modo como se pensa. Apesar de carregar o nome de Edward Sapir (1884-1939) e de seu discípulo Benjamin Lee Whorf (1897-1941), considerados responsáveis pela organização desse pensamento na década de 1920, a cunhagem do termo se deve a Harry Hoijer, em 1954 (CUNHA, 2011), e não possui uma definição canônica, sendo sua principal forma de apresentação a seguinte:

> Segundo a hipótese Sapir-Whorf, a língua de uma determinada comunidade organiza sua cultura, sua visão de mundo, pois uma comunidade vê e compreende a realidade que a cerca através das categorias gramaticais e semânticas de sua língua. Há portanto uma interdependência entre linguagem e cultura. Um povo vê a realidade através das categorias de sua língua, mas sua língua se constitui com base em sua forma de vida (MARCONDES, 2010 apud CUNHA, 2011, p. 4).

Edward Sapir nasceu na Prússia (atual Alemanha) e, durante sua trajetória profissional, manifestou-se favoravelmente às ideias relativistas, superando o evolucionismo que pautava o estudo das sociedades humanas. Bacharel e mestre em Filologia Germânica, construiu sua carreira nos Estados Unidos ao lado de Franz Boas, na área da Antropologia, visto que esta era a disciplina que lhe permitiria voltar-se para a descrição de línguas tidas como exóticas, em sua maioria ágrafas, enquanto a Filologia detinha-se na análise de idiomas portadores de uma tradição escrita e literária.

No texto "A posição da Linguística como ciência", de 1929, que busca firmar a disciplina numa posição central dentro dos estudos sociais, encontram-se os principais trechos que nos levam a atribuir a Sapir o desenvolvimento (ou pelo menos indícios) de uma proposta da relatividade linguística. Um dos pontos principais abordados pelo autor diz respeito à afirmação da igualdade dos sistemas linguísticos no sentido de sua *plenitude formal*, ou seja, de sua possibilidade de exprimir qualquer conteúdo. Segundo essa perspectiva, as diferenças entre as línguas seriam resultado das "mudanças em suas estruturas internas, sem qualquer correlação necessária com o progresso cultural" (CUNHA, 2011, p. 11). Dessa forma, podemos afirmar que qualquer sistema linguístico é capaz de expressar e traduzir[2] qualquer enunciado, se seus falantes assim desejarem:

[2] Mesmo que, neste caso, seja necessária alguma adaptação ou até a criação de um item lexical.

> [...] podemos dizer que toda língua está de tal modo construída, que diante de tudo que um falante deseje comunicar, por mais original ou bizarra que seja a sua ideia ou a sua fantasia, a língua está em condições de satisfazê-lo. [...] O mundo das formas linguísticas, que se apresenta dentro dos quadros de uma língua dada, é um sistema completo de referências [...] (SAPIR, 1969, p. 33-34).

As formulações de Sapir, portanto, contribuíram para a desconstrução da crença de superioridade que as sociedades europeias acreditavam possuir sobre os povos considerados primitivos[3]. Quem impulsionou essa discussão, no entanto, foi Benjamin Lee Whorf, apresentando de forma mais ousada do que seu mestre o conceito de relatividade linguística. Whorf, engenheiro de formação e profissão, o que lhe confere o rótulo frequente de "linguista amador", tornou-se discípulo de Sapir e dedicou-se ao estudo da língua Hopi[4]. Suas opiniões pendem para uma visão determinista acerca da influência da língua sobre a compreensão do mundo:

> Deste fato procede o que eu chamei de "princípio da relatividade linguística", que significa, simplificando, que usuários de gramáticas marcadamente diferentes são direcionados por suas gramáticas a diferentes tipos de observações e diferentes avaliações de atos externamente similares, e, portanto, não são observadores equivalentes, já que chegariam a visões de mundo de alguma forma diferentes (WHORF, 1956 apud GIPPER, 1979, tradução nossa)[5].

O posicionamento de Whorf decorre de sua pesquisa com os Hopis, que, segundo ele, apresentariam uma grande diferença, se comparados ao padrão europeu, na concepção das noções de espaço e tempo. Para Whorf, a língua Hopi não teria referência implícita ou explícita a tempo, nem tempos verbais, substantivos que denotassem intervalos de tempo (como "dia" ou "hora") ou metáforas de tempo-espaço (por exemplo, período "longo" ou "curto" de tempo) (GIPPER, 1979). Dessa forma, atesta-se a estreita relação que une língua, cognição e cultura na medida em que se torna evidente que os Hopis, por não possuírem um entendimento da realidade tão básico para nós, pensam e veem a realidade de forma diferente da nossa.

Sendo assim, temos os principais pontos que fundamentam o princípio da relatividade linguística, ou a hipótese Sapir-Whorf. Estudiosos, ao longo do tempo, estipularam duas versões principais dessa hipótese: a chamada *versão fraca*, que é pautada predominantemente no pensamento de Sapir e na noção de *relativismo* ou *relatividade* linguística; e a *versão forte*, mais inspirada por Whorf e voltada ao *determinismo* linguístico. Esta última teve seus fundamentos refutados e foi descartada há algum tempo. Se a língua determinasse totalmente o modo de pensar, o exercício da tradução, por exemplo, seria impossível (CUNHA, 2011), assim como a aprendizagem de uma língua estrangeira.

---

[3] Evita-se, atualmente, a utilização desse termo.

[4] Os Hopis são uma pequena tribo de índios pueblo localizada no estado do Arizona (EUA), cujo idioma pertence à família Uto-Asteca (GIPPER, 1979).

[5] Do original: "From this fact proceeds what I have called the 'linguistic relativity principle', which means, in informal terms, that users of markedly different grammars are pointed by their grammars toward different types of observations and different evaluations of externally similar acts of observation, and hence are not equivalent as observers but must arrive at somewhat different views of the world".

Gipper (1979) é um dos estudiosos que põe em xeque as declarações de Whorf, apontando uma série de falhas ocorridas na pesquisa com os Hopis. A partir de uma extensa análise do documento sobre a concepção de tempo e espaço dessa tribo, identificou-se que há controvérsias em seus escritos, o que faz com que não encontrem aceitação. Segundo Gipper, o idioma Hopi possui, sim, muitas formas de referências a espaço e tempo – há, inclusive, indícios de que existe uma palavra especial para "tempo": o termo *shato*, que ocorre na expressão *nono'bshato* ("*food time*") – e essa afirmação pode ser verificada no material do próprio Whorf.

As críticas e correções sugeridas por Gipper são importantes para a discussão sobre a hipótese Sapir-Whorf porque questionam a existência de um princípio da relatividade linguística, na medida em que se evidencia que as diferenças entre o pensamento dos Hopis e o padrão europeu não são tão radicais quanto alegava o linguista. Faz-se necessário, no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, uma atitude de imersão em sua cultura, o que não ocorreu com Whorf, que realizou seu estudo por meio de um informante e não conseguiu se desvincular suficientemente do etnocentrismo, o que prejudicou sua compreensão do idioma.

Gipper destaca o fato de que o tempo, para os Hopis, é cíclico, comparado a uma roda que gira eternamente, e medido pelo curso do sol. Eles não têm calendário e não contam os anos de forma cumulativa; além disso, suas experiências são encaradas como uma repetição contínua da mesma sequência de eventos, estações, de tempos de semeadura, tempos de colheita e assim por diante: "Eles vivem imersos no tempo, não fora dele [...]. Eles não vivem dependentes do relógio como nós" (GIPPER, 1979, p. 11, tradução nossa)[6]. As cerimônias, nessa sociedade, são de fundamental importância para a compreensão de sua visão sobre o tempo.

O autor conclui, então, que a ideia de um princípio da relatividade linguística deve ser questionada, pelo menos nos termos em que foi proposta por Whorf, pois existem experiências comuns à existência humana que, muito provavelmente, terão lugar em qualquer idioma do planeta:

> o pensamento humano é, certamente, relativo às possibilidades das línguas em que é expresso, mas não é determinado pelo idioma. Cada língua natural representa um sistema aberto e, portanto, é aberto para ser alterado pelos falantes.
> Existem traços universais nas línguas naturais porque todas dependem das condições gerais da existência e da vida humana. [...] No entanto, na ampla zona intermediária em que ocorrem a vida e o comportamento humano, encontramos diferenças que caracterizam culturas e civilizações. É altamente importante e relevante descobrir essas diferenças. Portanto, temos de investigar as visões do mundo linguístico das línguas dadas para encontrar uma chave para uma melhor compreensão entre as pessoas deste mundo. (GIPPER, 1979, tradução nossa)[7].

[6] Do original: "They live in time, but not apart from it [...]. They do not live by the clock as we do".

[7] Do original: "Human thought is, to be sure, relative to the possibilities of the languages in which it is expressed, but it is not determined by language. Each natural language represents an open system and therefore it is open to be changed by the speakers.
There are universal traits in each natural language because they all depend on general conditions of human existence and human life. [...] In, however, the wide middle zone in which human life and behavior takes place, we find differences which characterize cultures and civilizations. It is highly important and relevant to discover these differences. Therefore we have to investigate the linguistic world views of the given languages in order to find a key to better understanding among the people of this world".

Isso significa, também, que assim como a língua exerce influência sobre o pensamento de seus falantes, estes e o contexto cultural em que estão inseridos também agem sobre a língua.

Se a relação entre linguagem e pensamento não é absoluta, então, é necessário especificar sua natureza. Experimentos realizados com sujeitos de diversas culturas consideradas "exóticas" têm como objetivo contribuir para a elucidação dessa questão. Soonja Choi e Melissa Bowerman (1991 apud DELBECQUE, 2009), por exemplo, demonstraram as diferenças entre as reações de crianças de língua coreana e inglesa em alguns testes nos quais elas foram convidadas a agrupar, da forma que julgassem adequada, as seguintes atividades: (a) pôr uma peça num puzzle; (b) pôr brinquedos num saco; (c) pôr uma tampa numa caneta; e (d) pôr um chapéu numa boneca. Os resultados obtidos apontaram para uma possível correspondência entre a língua e a forma de pensar dessas crianças, visto que as inglesas separaram (a) e (b) de (c) e (d) devido à preposição empregada em cada categoria (*in a puzzle*, *in a bag; on a pen*, *on a doll's head*), enquanto as coreanas utilizaram outro critério: para elas, era importante verificar o nível de ajustamento entre duas entidades, discriminado pelo verbo em questão (*kkita*, que corresponde a "prender", e *ppayta*, a "soltar"). As categorias linguísticas, portanto, tiveram fundamental importância e guiaram a percepção das crianças no momento da classificação[8].

Ao longo do tempo, foram obtidas diversas evidências de que cada língua, de acordo com sua própria lógica, estabelece formas específicas de "decalcar" a realidade. Robl (1975) apresenta uma série de casos que vão ao encontro dessa afirmação, como as diferentes formas de representação do espectro de cores entre o português e diversos outros idiomas. Segundo o autor, "o sistema cromático dos gregos discrepava tanto do nosso que, em certo tempo, pensou-se seriamente que os helenos homéricos deveriam ter sido cegos para as cores. E o latim não possuía termos para 'cinza' e 'marrom'" (ROBL, 1975, p. 13). O russo, por sua vez, possui dois adjetivos correspondentes ao nosso "azul", e os navajos não possuem termos que expressem o que consideramos "preto", "cinza", "marrom", "azul" e "verde". Quanto às relações de parentesco, o autor destaca que há línguas em que é essencial, ao se falar de "filho", especificar se se trata do mais velho, do segundo ou do caçula, assim como ocorre com o termo "irmão". Em tupi, ainda, "alguns nomes de parentesco diferem de acordo com o sexo da pessoa a que se referem: 'filho', com referência ao pai, é *tayra*; com referência à mãe é *membyra*; para o homem, 'sogro' é *t-atuuba*, 'sogra' é *t-aixo*, ao passo que a mulher diz, respectivamente: *menduba* e *mendy*" (ROBL, 1975).

Tudo isso indica que os esforços para comprovar que as categorias linguísticas influenciam a cosmovisão de um povo têm sido, em certa medida, bem-sucedidos, permitindo-nos afirmar que a língua é um dos mais importantes meios pelos quais o indivíduo, desde a infância, "recebe" a cultura do local onde vive, e, ainda, que quando aprendemos um idioma estrangeiro ampliamos nossa forma de pensar, pois temos mais maneiras à nossa disposição de categorizar as experiências.

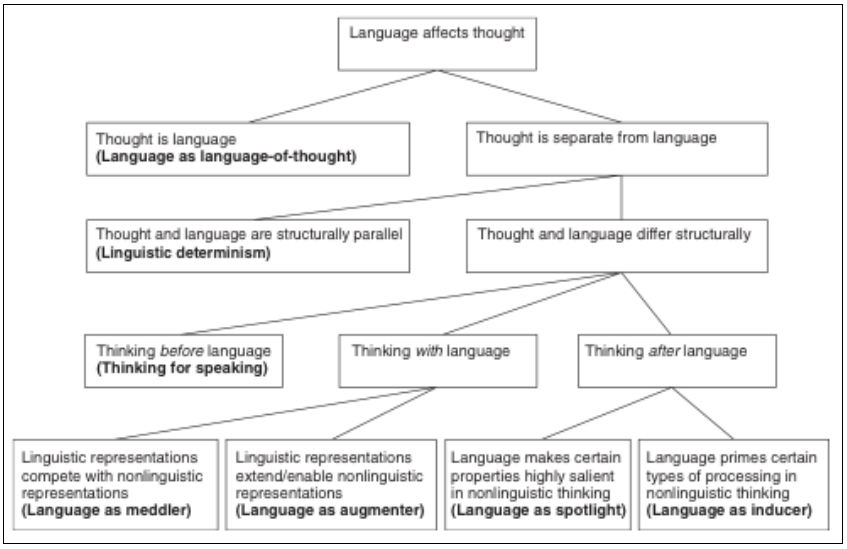
Entretanto, como já comentado, ainda há diversos pontos a serem esclarecidos quando falamos em relatividade linguística. Por exemplo, como se configura a realidade para um ser que ainda não domina uma língua? Essa é uma questão pertinente aos

[8] As informações apresentadas por Delbecque (2009) sobre o experimento são escassas; o estudo completo se encontra em inglês em Choi e Bowerman (1991). A autora trabalha predominantemente de forma revisionista, por isso utilizaremos apenas o exemplo do experimento de Choi e Bowerman, e o texto não será aprofundado aqui.

estudos cognitivos. Além disso, diversos intelectuais vêm contestando e problematizando aspectos da hipótese, apresentando problemas em sua formulação e na abordagem que ela recebe.

Wolff e Holmes (2011) fazem parte desse grupo e conferem-lhe um tratamento diferente do habitual ao afirmar que não existe uma única, mas sete possíveis diferentes hipóteses da relatividade linguística. O surgimento dessas possibilidades ocorre devido aos avanços científicos, que revelaram novos tipos de interação entre língua e pensamento. Os autores apresentam caminhos alternativos às tradicionais versões *forte* e *fraca*, conforme ilustrado abaixo:

Quadro 1 – As hipóteses da relatividade linguística



Fonte: Wolff e Holmes (2011, p. 254).

Entre os tipos de relação língua-pensamento apresentados, as hipóteses de língua *como linguagem-do-pensamento* (segundo a qual o pensamento é língua, e suas unidades são as palavras da língua natural) e de *determinismo linguístico* (conceito defendido por Whorf, que afirma que a linguagem determina as categorias básicas do pensamento) são refutadas, mas as demais, que concebem língua e pensamento como estruturalmente diferentes, sustentam-se teórica ou empiricamente (WOLFF; HOLMES, 2011).

A ideia de *thinking for speaking* (pensar para falar) refere-se a um tipo especial de atividade mental necessária à produção da fala, o que faz com que, por exemplo, haja diferenças entre apenas observar um movimento e observá-lo para descrevê-lo. Dessa forma, o pensamento é tido como *anterior* à linguagem. Quando tratamos de *thinking with language*, ou pensamento *com* a linguagem, temos duas possibilidades: a de língua como *meddler* (uma *interferência* na cognição), como evidenciado no estudo de Roberson, Davies e Davidoff (2000) sobre a percepção das cores na tribo Berinmo (os pesquisadores atestaram que a memória de reconhecimento dos berinmos, que têm apenas 5 termos básicos para cores, era melhor para as cores focais da sua própria língua do que para as do inglês), e a de língua como *augmenter* (*expansão* da cognição) – neste caso, os autores afirmam que a língua oferece ferramentas conceituais que

permitem a construção de determinados conhecimentos, como o cálculo e outros conteúdos matemáticos (WOLFF; HOLMES, 2011).

Há, ainda, a ramificação que leva ao *thinking after language* (pensamento *depois* da linguagem). Aqui, a língua é anterior e exerce influência sobre o pensamento, seja na forma de *spotlight* (destaque), salientando certos aspectos do mundo em detrimento de outros (nem todas as línguas, por exemplo, possuem as palavras marcadas por gênero), seja como *inducer* (indutora), agindo de acordo com seu modo particular de processamento mesmo quando não está em uso e induzindo o falante a conceituar as experiências de determinada maneira (WOLFF; HOLMES, 2011)[9].

Os autores demonstram, dessa forma, que o problema em torno da hipótese Sapir-Whorf é mais complexo do que normalmente parece. Outro ponto importante é levantado por Cunha (2011), que contesta a existência de uma "hipótese Sapir-Whorf". Seus principais argumentos consistem em não haver uma versão canônica dessa hipótese e no fato de que nem Edward Sapir nem Benjamin Lee Whorf a formularam exclusivamente. Além disso, é importante destacar que os dois intelectuais não publicaram em conjunto nem realizaram experimentos empíricos (esperados quando nos referimos a alguém que precisa confirmar ou rejeitar sua proposta), e que o interesse pela ideia da relatividade linguística não é exclusivo deles. Wilhelm von Humboldt[10], por exemplo, concebia a linguagem como *Weltansicht* ou *Weltanschauung* (visão de mundo), assim como grande parte da tradição germânica dos séculos XVIII e XIX, com a qual Sapir teve contato (CUNHA, 2011, p. 9).

Muitos outros autores apresentam pensamentos favoráveis à noção da relatividade linguística, por isso, para Cunha (2011, p. 5), "a utilização do rótulo 'hipótese Sapir-Whorf' é desorientadora". Ele afirma que, se o crédito fosse dado a todos que colaboraram, de certa forma, para a desconstrução da ideia de universalidade linguística,

> falaríamos, então, em "hipótese Sapir-Whorf-Kilby-Du Bois" e quantos mais autores criticassem a maneira como algumas concepções em Linguística são formuladas, chamando atenção para o fato de que algumas línguas têm recebido tratamento privilegiado, já que aparentam ser as possuidoras das categorias mais universais? (CUNHA, 2011, p. 15).

De fato, Sapir e Whorf não são os primeiros nem os únicos a tratar dessa questão, mas sua contribuição para a difusão do assunto dentro estudos linguísticos é inegável. Muitos dos autores apresentados por Cunha (2011) pertencem a outras áreas, como a Filosofia e, por isso, assumem uma perspectiva diferente.

Apesar de ser alvo de tantos questionamentos, a hipótese Sapir-Whorf continua em posição de destaque dentro dos estudos linguísticos. Deixada de lado por volta da década de 1990, a discussão foi retomada nos anos 2000, o que muito se deve ao advento da neurociência, despertando o interesse da comunidade científica pela relação entre língua e cérebro.

Uma discussão que se estende já há mais de um século, comprovando a atualidade da hipótese, diz respeito à língua esquimó e à controvérsia quanto ao número

---

[9] As categorias indicadas por Wolff e Holmes foram brevemente explanadas para que se mantivesse o propósito deste ensaio. Mais informações, exemplos e detalhes sobre os experimentos podem ser encontrados no texto original.

[10] Linguista prussiano que viveu entre os séculos XVIII e XIX, cujas ideias influenciaram a formação de Sapir.

de palavras existentes nesse idioma para se referir à neve. Franz Boas, durante os anos de 1880, realizou uma pesquisa de campo nas ilhas de Baffin, no norte do Canadá, participando ativamente das atividades locais, e intrigou-se com a grande quantidade de termos utilizados pelos nativos para falar sobre o clima do local (ROCHA; ROCHA, 2017). Com a publicação dessas observações no *Handbook of American Indian Languages* (1911), iniciou-se uma agitação em torno do tema, que passou a tomar proporções exageradas e extrapolou as fronteiras acadêmicas para mexer com a imaginação popular.

Diversas fontes afirmam que os esquimós teriam dezenas e até centenas de palavras para *neve* (ROCHA; ROCHA, 2017). Isso ocorreria devido à forte interferência climática no modo de vida dessa sociedade, que precisaria de mais itens lexicais para expressar a condição da neve em diferentes contextos. Essa é uma questão realmente pertinente, mas devido a problemas metodológicos, alguns resultados devem ser mais bem apurados. A noção de "palavra", na língua esquimó, é extremamente discrepante dessa noção em nossa língua, por isso é importante nos questionarmos sobre "como contar palavras, isto é, com base em que critérios seria possível concluir que uma dada palavra é uma das que se refere à neve, permitindo então, após um levantamento completo, que as palavras definidas como referentes à neve fossem contadas" (ROCHA; ROCHA, 2017, p. 144).

Segundo a tipologia que divide as línguas humanas em três grandes categorias – analíticas, sintéticas e polissintéticas (PRIA, 2006 apud ROCHA; ROCHA, 2017) –, o esquimó se enquadra entre as polissintéticas, podendo expressar orações inteiras "por uma única palavra, através do acréscimo de uma série de afixos de significados gramaticais complexos" (ROCHA; ROCHA, 2017, p. 144). O português, por sua vez, localiza-se na classe de línguas sintéticas, cujas palavras podem sofrer flexões, mas não constituir orações inteiras. Para exemplificar o funcionamento polissintético do esquimó, os autores apresentam a seguinte oração: "*Utaqqiguvinga, aullaqatiginiaqpagit*", que significa "Se você me esperar, eu irei com você".

Tendo em vista esses pontos, podemos afirmar que a língua esquimó, por ter falantes que pensam de forma distinta da nossa, possui uma estrutura linguística também diferente do português; por isso, tentar contar o número de palavras referentes a neve não parece ser a melhor opção para a resolução desse problema. Pelo contrário, "o conhecimento que estas palavras representam é muito mais importante do que a picuinha quanto à contagem das palavras" (ROCHA; ROCHA, 2017, p. 153).

É importante compreendermos que idiomas diferentes estão intimamente associados a modos de vida, de pensar, a culturas diferentes, como comenta Robl (1975, p. 6): "A língua, pois, não é apenas um elemento da cultura. Destaca-se entre todos, porque é um instrumento de comunicação de todas as atividades culturais. De sorte que precisa abranger e falar de toda a cultura, inclusive a si mesma". Tendo em vista esse ponto, podemos entender que não é possível comparar línguas tão diferentes, visto que elas constituem sistemas autônomos, independentes e incomensuráveis.

O exemplo do esquimó serve para evidenciar a atualidade da hipótese, na medida em que é objeto de discussão há décadas, discussão essa ainda sem um fim. Mesmo assim, é válido ressaltar que a hipótese Sapir-Whorf não está relacionada apenas a idiomas distantes, considerados "exóticos", mas se aplica a todos, incluindo os pertencentes à cultura ocidental.

3. Considerações finais

A discussão sobre os aspectos aqui abordados torna possível, em certa medida, a ampliação dos conhecimentos científicos no âmbito da linguística cognitiva, que há tanto tempo busca reconhecer com mais precisão as imbricações que unem a linguagem, a cognição e a cultura. Pudemos verificar, por meio da exposição dos estudos de diversos pesquisadores da área, que a teoria da relatividade linguística, ou a hipótese Sapir-Whorf, é muito mais complexa do que aquela formulação inicial apresentada na primeira metade do século XX.

Muitos outros trabalhos foram e têm sido desenvolvidos nessa área. A título de exemplo, podemos citar as investigações de Lakoff e Johnson (2003) acerca das metáforas, dentre elas as que modulam nossa percepção do tempo. Os autores apontam que, na maioria das línguas ocidentais, o tempo é concebido como um recurso de muito valor e que pode ser perdido, desperdiçado, concepção essa fortemente contrastante com a da cultura Hopi, que, por pensar o tempo de uma maneira distinta, possui formas de representação desse conceito que também divergem daquilo que conhecemos, ou vice-versa.

REFERÊNCIAS

CHOI, Soonja; BOWERMAN, Melissa. Learning to express motion events in English and Korean: the influence of language-specific lexicalization patterns. *Cognition*, Amsterdã, n. 41, p. 83-121, 1991.

CUNHA, Adan Phelipe. Contrastando Sapir (d)e Whorf na "Hipótese Sapir-Whorf". *Seta*, Campinas, v. 5, p. 3-17, 2011. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1279/1478>. Acesso em: 24 out. 2017.

DELBECQUE, Nicole. Língua, cultura e conceptualização: a semântica estrutural. In: ._____. *A linguística cognitiva:* epigênese e desenvolvimento. Lisboa: Instituto Piaget, 2009. p. 175-204.

GIPPER, Helmut. Is there a linguistic relativity principle? On the verification of the Sapir-Whorf hypotesis. *Indiana*, v. 5, n. 1, p. 1-14, 1979. Disponível em: <https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/indiana/article/view/1645/1283>. Acesso em: 13 dez. 2017.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O sexo dos astros. In: _____. *Antropologia estrutural dois.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 219-228.

ROBERSON, Debi; DAVIES, Ian; DAVIDOFF, Jules. Color categories are not universal: replications and new evidence from a stone-age culture. *Journal of Experimental Psychology*: General, Washington, n. 129, p. 369-398, 2000.

ROBL, Afonso. Língua e "recorte" da realidade: uma abordagem da relação língua – cultura. *Letras*, Curitiba, v. 24, n. 3, p. 3-20, dez. 1975. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19582/12797>. Acesso em: 18 dez. 2017.

ROCHA, Marco Antonio Esteves da; ROCHA, João Paulo Zarelli. Neve para refrescar: reflexões sobre relatividade linguística condicionada pelo ambiente no estudo científico das línguas humanas. *Working Papers em Linguística,* Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 140-

156, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2017v18n1p140/34895>. Acesso em: 12 dez. 2017.
SAPIR, Edward. O gramático e a língua. In: _____. *Lingüística como ciência:* ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 29-42.
WOLFF, Phillip; HOLMES, Kelvin J. Linguistic relativity. *Willey Interdisciplinary Reviews:* Cognitive Science, v. 2, n. 3, p. 253-265, mai./jun. 2011. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/wcs.104/full>. Acesso em: 13 dez. 2017.